



Tendências da Pesquisa
Brasileira em
Ciência da Informação

UMA QUESTÃO DE INTERESSES (CONTRADITÓRIOS) NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: ela “é, por natureza, interdisciplinar”, especialistas?¹

A MATTERS OF CONCERN (CONTRADICTIONS) IN INFORMATION SCIENCE: is it “by nature interdisciplinary”, specialists?

Zayr Claudio Gomes da Silva ²

Marlene Oliveira ³

Resumo: No contexto da epistemologia da ciência da informação, em 1991, Tefko Saracevic evidencia que ela é, por natureza, interdisciplinar. No mesmo evento, Linda Smith questiona o porquê da discrepância entre o que é dito e o que é feito em relação à interdisciplinaridade. Objetiva abordar esse campo agonístico de produção da natureza interdisciplinar da área, traduzindo seus interesses contraditórios e rastreando inscrições controversas de cientistas da ciência informação estrangeiros e brasileiros (especialistas), enquanto porta-vozes da pesquisa. A partir dos Estudos da Ciência, questiona quais controvérsias científicas emergem acerca desse processo de naturalização da interdisciplinaridade, utilizando-se da noção de “inscrição” e “das modalidades de enunciação”. Como procedimento de análise, desenvolve uma “tradução” de inscrições entre essa abordagem metodológica, a fala dos porta-vozes e a literatura da área. Descreve a enunciação de uma natureza interdisciplinar da ciência da informação e interesses contraditórios com base nos anais publicados em 1992. São constatadas controvérsias científicas acerca desse processo de naturalização da interdisciplinaridade, dentre elas: “concordo plenamente”; “o surgimento da área já apontava pra isso”; “não entendo que a CI seja interdisciplinar por natureza”; “ciência é uma construção humana e não tem nada de natural”; “penso que é mais poliepistemológica”; “qualquer ciência é, ‘por natureza’ disciplinar e interdisciplinar”, dentre outras. Algumas inscrições direcionam o enunciado às suas condições de produção, outras afastam para torná-lo mais forte ou fraco, ou mesmo contrapõem-se,

¹ Comunicação ampliada e diferenciada do resumo submetido, apresentado e premiado no XXI ENANCIB – 2021.

² Doutor em Ciência da Informação. UFMG. zayr10@gmail.com. <https://orcid.org/0000-0002-2758-3424>.

³ Doutora em Ciências da Informação. UFMG. marlene@eci.ufmg.br. <https://orcid.org/0000-0003-2834-1272>.

escapando desse processo de naturalização da interdisciplinaridade na ciência da informação via epistemologia.

Palavras-Chave: Epistemologia. Interdisciplinaridade. Ciência da Informação. Natureza Interdisciplinar. Controvérsias Científicas.

Abstract: *In the context of the epistemology of information science, in 1991, Tefko Saracevic shows that it is, by nature, interdisciplinary. At the same event, Linda Smith questions the reason for the discrepancy between what is said and what is done in relation to interdisciplinarity. It aims to approach this agonistic field of production of the interdisciplinary nature of the area, translating its contradictory interests and tracking controversial inscriptions of foreign and Brazilian information science scientists (specialists), as spokespersons for research. Based on Science Studies, she questions which scientific controversies emerge about this process of naturalization of interdisciplinarity, using the notion of “inscription” and “the modalities of enunciation”. As an analysis procedure, she develops a “translation” of inscriptions between this methodological approach, the speech of the spokespeople and the literature in the area. It describes the enunciation of an interdisciplinary nature of information science and contradictory interests based on the annals published in 1992. Scientific controversies about this process of naturalization of interdisciplinarity are found, among them: “I fully agree”; “the emergence of the area already pointed to this”; “I don't understand that CI is interdisciplinary by nature”; “science is a human construction and there is nothing natural about it”; “I think it is more polyepistemological”; “any science is, 'by nature' disciplinary and interdisciplinary”, among others. Some inscriptions direct the utterance to its production conditions, others move away to make it stronger or weaker, or even oppose each other, escaping this process of naturalization of interdisciplinarity in information science via epistemology.*

Keywords: Epistemology. Interdisciplinarity. Information Science. Interdisciplinary Nature. Scientific Controversies.

1 INTRODUÇÃO

Historicamente, a interdisciplinaridade é discutida como um dos fundamentos epistemológicos da ciência da informação. Desde a década 1960, constroem-se discursos que tentam pautá-la como uma ciência interdisciplinar – vide Borko (1965, 1968). Tenta-se, desde então, equacionar um conjunto de proposições ideais para justificar as diferentes relações com outros saberes, como a biblioteconomia, a documentação e a recuperação da informação.

No entanto, com base em sua literatura (GOMES, 2001; OLIVEIRA, 1998; SALDANHA, 2020, SMITH, 1992; SOUZA, 2011), percebe-se a existência de um campo agonístico resultante de concordâncias e discordâncias em torno das condições de interdisciplinaridade na área e, por conseguinte, do discurso de uma ciência da informação interdisciplinar - principalmente, por natureza. Considera-se a complexidade coexistente na produção inter-disciplinar da área por intermédio de uma série de elementos contraditórios, envolvendo os mais variados tipos de movimento colaborativo. No caso, diz respeito aos modos de fragmentação, justaposição e/ou integração entre saberes, sejam denominados ou não como disciplinaridade, interdisciplinaridade, pluri e multidisciplinaridade e até transdisciplinaridade (POMBO, 2010).

Nesse contexto, os *Science Studies* (Estudos da Ciência) nos ensinam que o conhecimento científico é ponderado como um tecido composto de elementos heterogêneos, cuja prática é um efeito de relações entre atores humanos e não-humanos. E, dessa forma, pretende cada vez mais se afastar do mito modernista que impera sob o problema do conhecimento representado por dicotomias ontológicas e epistemológicas, como natureza e sociedade/cultura, sujeito e objeto, por exemplo (LATOURETTE, 1994, 2012). Para Stengers (2002), essa abordagem questiona toda separação entre ciência e sociedade, pretendendo estudar a ciência como um procedimento técnico e social nem mais ou menos universal nem menos ou mais racional do que qualquer outro saber ou prática presente no mundo, tendo em vista as conexões entre o ser-humano, a sociedade e a natureza, de modo bastante singular. Isto é, pondera-se a pesquisa e a prática científicas visando compreender os fatos e seus efeitos coproduzidos socialmente com base na relação entre os discursos produzidos pelos cientistas e seu funcionamento

sociotécnico que reúnem os discursos, os instrumentos e tecnologias das ciências e os saberes em diferentes práticas, a um só tempo, social e natural.

Compreende-se que o conhecimento se constitui por meio de redes singulares e heterogêneas de produção. Sua rede é uma tensão e conflitos resultante de poderes singulares e complicados entre os diversos atores humanos e não-humanos (pesquisadores, instrumentos, teorias, métodos, instituições, revistas, acontecimentos, Estado, dentre outros) que, reunidos, coletivamente, se constituem e constroem diversos fazeres-saberes (filosófico, científico, senso comum etc.). E, que, uma vez esses atores-redes considerados como efeitos de relações que resulta em vários tipos de produção social, o conhecimento científico passa ser, a um só tempo, constituído e construído por meio de conexões entre esses atores, já como redes de cunho ontológico, político, epistemológico, natural e cultural (LATOUR, 1994; STENGERS, 2002).

Nesse sentido, considera-se a interdisciplinaridade na ciência da informação e seu processo de naturalização, a um só tempo, discursivo, material e coletivo, como efeito de relações entre saberes-fazes constitutivos de atores-redes dentro e fora do conhecimento científico. Assim, a produção colaborativa, mais que algo formal, natural ou mesmo social, torna-se resultado de múltiplas associações, que, por sua vez, decorre de diferentes conexões entre naturezas e culturas, atores humanos e não-humanos, formando vários tipos de sociedade presentes no mundo.

A problematização se configura, então, como a dita natureza interdisciplinar da ciência da informação se estabilizaria na comunidade acadêmico-científica, uma vez que seu próprio campo agonístico⁴ de produção tensiona e transforma esse processo de naturalização da interdisciplinaridade na área, em detrimento tanto de uma identidade disciplinar quanto sua consolidação epistemológica, enquanto ciência contemporânea dita de natureza multi e interdisciplinar. E, nesse momento, pergunta-se: quais as controvérsias científicas referentes ao processo de naturalização interdisciplinar da ciência da informação? A partir dessa indagação, objetiva-se abordar o campo agonístico de produção acerca da interdisciplinaridade na ciência da informação e, de modo

⁴ Campo agonístico é uma rede heterogênea de produção social que ocorre uma série de arranjos, aproximações, integrações e disputas, formando uma série de interesses contraditórios nas sociedades, na ciência e na tecnologia (LATOUR; WOOLGAR, 1997).

específico, traduzir seus interesses contraditórios via acontecimento histórico, articular o discurso entre a literatura dos Estudos da Ciência e da ciência da informação e descrever algumas controvérsias científicas que representam esse processo de naturalização da interdisciplinaridade.

Ademais, pressupõe-se que a factualidade da produção inter-disciplinar na ciência da informação conecta diferentes atores constitutivos de seus próprios atores e para além destes, sejam pesquisadores, teorias, métodos, instrumentos, tecnologias, saberes, periódicos, instituições e outros, socialmente, integrados em diferentes movimentos, seja na produção científica, em eventos científicos, nas salas de aula, nos colégios invisíveis, na prática profissional ou, mesmo na mídia. Naturalmente, essas relações geram processos de integração, fragmentação, disputas e conflitos por meio de interesses contraditórios e controvérsias de informações e conhecimentos no que tange à produção da tecnociência. Logo, pode ser relevante abordar a interdisciplinaridade na ciência da informação, tentando distanciar-se tanto da compreensão de que as relações entre saberes se estabelecem (somente) por meio da vontade humana e “sua” sociedade restritiva e autoritária, sob visão antropocêntrica – quanto (apenas) por intermédio de conceitos, teorias, modelos, métodos e instrumentos, via epistemologia determinística, aparentemente, tecnicista, de base naturalista.

2 COMO QUESTIONAR INTERESSES (CONTRADITÓRIOS) E TRADUZIR INSCRIÇÕES CONTROVERSAS À LUZ DOS *SCIENCE STUDIES*

A partir da abordagem antropológica e sociológica dos *Science Studies* (Estudos da Ciência), recupera-se inicialmente um evento histórico ocorrido acerca da epistemologia da ciência da informação, tecnicamente, exposto em sua literatura e, devidamente, re-representado aqui. Por intermédio de uma breve narrativa, descrevem-se algumas nuances desse fato enquanto um relato tradicional.

No entanto, intercalando com sua descrição, como bem faziam e fazem os grandes filósofos e cientistas, toma-se a importância da dúvida sobre os fatos, para além de uma simples crítica. E, nesse sentido, segundo Latour (2012, 2020), ao passo que a crítica vem perdendo força, torna-se mais importante aquilo que ele chamou de “questão de

interesses”⁵, sendo motivos de preocupação em torno desses fatos históricos discutidos na ciência, tecnologia e sociedade. Para continuar esse rastreamento de interesses contraditórios, utiliza-se como porta-vozes da pesquisa alguns cientistas da informação estrangeiros e brasileiros. E, a partir disso, descreve-se algumas controvérsias científicas em torno da natureza interdisciplinar da ciência da informação.

No caso, a “questão de interesses” que elencamos foi a seguinte: “Qual sua opinião quanto ao seguinte enunciado: ‘a ciência da informação é, por natureza, interdisciplinar?’”. A partir de sua aplicação⁶ junto aos porta-vozes, utilizou-se a noção de “inscrição”, advinda do projeto gramatológico derridiano, devidamente, referenciada pelos Estudos da Ciência (LATOURE, 2001; LATOURE; WOOLGAR, 1997), em conjunto com as “modalidades de enunciação” (LATOURE, 2000), para rastrear o campo agonístico desse fato historicamente inscrito na comunidade científica da área e representado em sua própria literatura.

Inscrição é todo tipo de transformação que materializa uma entidade num signo, em arquivos, documentos, tabelas, enunciados, dados, etc. (LATOURE; WOOLGAR, 1997). Isto é, um mecanismo relacional produzido entre atores-redes cuja ação é inter-mediada, tecnicamente, visando estabilizar informações em múltiplos pontos e fluxos. A partir disso, rastreou-se alguns registros inscritos que se relacionam, especificamente, à enunciação de uma ciência da informação interdisciplinar por natureza, conectando atores como palavras e coisas, cientistas e objetos, etc. Pois, segundo Latour (2000, p. 50):

O status de uma afirmação depende das afirmações ulteriores. Seu grau de certeza é tornado mais ou menos, dependendo da sentença seguinte que a retomar; essa atribuição retrospectiva se repete na nova sentença, que, por sua vez, poderá ser tornada mais fato ou mais ficção por força de uma terceira, e assim por diante.

A fim de sistematizar as assertivas enquanto inscrições do conhecimento científico, utiliza-se as “modalidades enunciativas” apresentadas pelo próprio Latour (2000):

- Sentenças Positivas: sentença que afasta o enunciado de suas condições de produção, fortalecendo-o suficientemente para tornar necessárias algumas outras consequências;

- Sentenças Negativas: sentença que, ao contrário, leva um enunciado para a direção de suas condições de produção, e explicam com detalhes porque é forte ou fraco, em vez de usá-lo para tornar mais necessárias algumas outras consequências;
- Sentenças Contra-argumentativas: sentença que opõe ou combina dois textos/rastros de tal maneira que invalida, um ou o outro ou, mesmo escapa do objeto em si, chegando à objeção à tese.

Uma vez sistematizadas as inscrições de um campo agonístico, seja em termos positivos, negativos ou contra-argumentativas, resta saber como discuti-las, metodologicamente. Por serem bidimensionais, sujeitas a superposição e combinação, as inscrições permitem novas traduções e articulações. Para Latour (2000), tradução é um trabalho de mediação que interpreta, desloca e compõe vários e contraditórios interesses, enquanto a articulação um procedimento que propõe romper as dicotomias entre sujeito e objeto, corpo e mente, buscando novas traduções, já que ambas mantêm intactas algumas formas de relação. No caso, buscando conectar pesquisador e objeto de estudo, naturezas e culturas, atores humanos e não-humanos via inscrições e interesses contraditórios, propõe-se traduzir o campo agonístico acerca da natureza interdisciplinar da ciência da informação, mediando e articulando tais inscrições um tanto controversas em conjunto com a literatura da área e os próprios Estudos da Ciência.

3 “A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO É, POR NATUREZA, INTERDISCIPLINAR”?

Entre os dias 26 e 28 de agosto de 1991, ocorreu a primeira *International Conference on Conceptions of Library and Information Science: historical, empirical and theoretical perspectives*, na Universidade de Tampere, Finlândia. Como pode-se perceber, haja vista o título do evento acadêmico-científico, tratou-se sobre perspectivas históricas, empíricas e teóricas da chamada *Library and Information Science* (LIS), em português, Biblioteconomia e Ciência da Informação. Conforme anais publicados no ano seguinte, em 1992, diversas exposições foram realizadas e devidamente registradas na comunicação científica em forma de anais (VAKKARI; BLAISE, 1992). Dentre as duas palestras principais

expostas, uma delas, apresentada pelo croata, engenheiro elétrico e cientista da informação Tefko Saracevic, foi intitulada “*Information Science: origin, evolution and relations*”. Anos depois, vale lembrar, fora publicada em formato de artigo científico 2 vezes no Brasil. Primeiro, em 1995, pela revista *Ciência da Informação*, do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), ainda na língua inglesa. Depois, em 1996, agora já traduzido para o português, pela revista *Perspectiva em Ciência da Informação*, da Escola de Ciência da Informação, da Universidade Federal de Minas Gerais.

Ainda que não se interesse, no momento, por este tipo de tradução linguística, pois a tradução que se interessa aqui é outra⁵. Vale ressaltar que há alguns elementos divergentes nas 3 versões do artigo de T. Saracevic. Afinal, os textos são algo caro aos Estudos da Ciência, alertou Latour (2000, 2012), em diversos momentos. Por exemplo, títulos diferentes, reduzido e alterado, e até uma importante afirmação faltando, como é o caso da expressão “não precisa procurá-la; ela está aí”, que é encontrada somente na publicação de 1995, ou seja, nem no “original” (1992) nem no mais atual (1996), mas, ainda assim, replicada em Mostafa (1996, p. 2), dessa vez afirmando, já em diferenciação e extensão, que:

[a interdisciplinaridade] “Está aí. Ninguém vai decidir se quer ou não ser interdisciplinar”. *It does not have to be searched for. It is there*, expressa-se Saracevic, referindo-se à interdisciplinaridade da ciência da informação, cujo processo é o mesmo para todas as ciências.

Percebe-se com isso importância nesse discurso acerca da epistemologia da interdisciplinaridade na ciência da informação, tendo em vista suas conexões políticas, epistemológicas, regionais, institucionais etc. Contudo, voltando ao evento histórico, nele, Saracevic (1992, p. 46, tradução nossa) emitiu a seguinte assertiva: “a CI é, por natureza, interdisciplinar, embora suas relações com outras disciplinas estejam mudando”. Todavia, no mesmo episódio, uma cena à frente, encontra-se o seguinte questionamento:

[...] porque é que há uma aparente discrepância entre o que é dito (as muitas enumerações do caráter interdisciplinar da LIS [Library and Information

⁵ Nos Estudos da Ciência, “interesse” não se constitui como um termo inteiramente subjetivo, constitutivo somente de desejos e pessoas. Carrega consigo a noção de inter-esses (entre esses), sejam atores humanos e/ou não-humanos. Já, “questão de interesses” é uma forma teimosa de analisar criticamente os fatos para além de sua materialidade, natureza e algo pronto (LATOURE, 2020).

Science] e o que é feito (o relativo isolamento de pesquisa em LIS do corpo de bolsa de estudos em outras disciplinas) (SMITH, 1992, p. 263, tradução nossa).

Parece se tratar de interesses contraditórios ou, pelo menos, de ordem diferente no que tange à direção para se discutir a interdisciplinaridade na ciência da informação. De todo modo, considera-se, aqui, a importância dessa articulação entre uma tentativa de estabilização discursiva da epistemologia da interdisciplinaridade na área e um questionamento acerca de suas condições de produção teórico-metodológica e empírica. Logo, considerando tais assertivas enquanto interesses contraditórios, permeados em um mesmo acontecimento da história da epistemologia da ciência da informação devidamente inscritos, Latour (2000, p. 50) adverte o seguinte:

O status de uma afirmação depende das afirmações ulteriores. Seu grau de certeza é tornado mais ou menos, dependendo da sentença seguinte que a retomar; essa atribuição retrospectiva se repete na nova sentença, que, por sua vez, poderá ser tornada mais fato ou mais ficção por força de uma terceira, e assim por diante.

A partir disso, conforme procedimentos elencados anteriormente, evidenciou-se algumas controvérsias científicas em torno da enunciada natureza interdisciplinar da ciência da informação (ver apêndice A). Percebeu-se que há tanto pontos de concordância quanto discordância acerca dessa enunciação, bem como inscrições contra-argumentativas que objetam à tese de ciência da informação interdisciplinar. Isto é, há tentativas de fortalecimento (positivo) à enunciação de Saracevic (1992), alguns questionamentos e até sua negação, tentando aprofundar o debate, e objeções (“saídas pela tangente”) que visam deslocar-se de uma tese de naturalidade da interdisciplinaridade na ciência da informação (ver inscrições 10 e 11).

No que tange às modalidades positivas, encontra-se uma série de inscrições que visam tornar-se bases e justificativas de/para uma ciência da informação interdisciplinar por natureza. Dentre elas, destacam-se as relações entre crença e citações; essencialismo científico e causalidade determinística; historicismo discursivo e complexidade objetivista; e até fundamentalismo necessário e bifurcação lógica.

Assim sendo, observa-se inscrições que giram em torno de argumentos de autoridade baseando-se em autores reconhecidos na área, gerando, desse modo, uma falsa assimetria entre retórica e ciência (LATOUR, 2000), da busca pelo Santo Graal

(MOSTAFA, 1996), enquanto mecanismo epistemológico que visa um somatório cosmopolita fundado na vontade humana, de um historicismo político de aparência científica, que se autoriza constitutivamente sem o acontecimento que faz a diferença na construção de artefatos históricos (STENGERS, 2002) e até da lógica fundamentalista que parece ligar pontos teóricos abstratamente sem conectar, realmente, os objetos, os atores não-humanos em sua singularidade e extensão (LATOURET, 2000).

Pondera-se, então, que, para sopesar positivamente a natureza interdisciplinar da área, deve-se compreender as agências que se desdobram nas relações entre diferentes atores-redes envolvidos na produção interdisciplinar, enquanto ação social entre os saberes. Pois, seja uma citação ou um fato histórico, certamente, há um coletivo heterogêneo formado pela conexão de diferentes atores-redes, como autores, pesquisadores, datas, formação acadêmica, acontecimentos, instituições etc. E isso são redes, simetricamente, epistemológica, política, econômica, institucional e cultural, que, por vezes, complica e/ou complexifica as formas de legitimação desse discurso e sua factualidade na ciência da informação.

De outra forma, o processo enunciativo é ponderado negativamente. Visto que, em vez de se buscar fundamentar ou justificar o discurso que tenta naturalizar a interdisciplinaridade na área, contrariamente, leva sua enunciação às suas condições de produção. Dentre outras inscrições, destaca-se o questionamento acerca da causalidade determinística que impera na intermediação lógica entre fenômeno complexo e natureza interdisciplinar; a abordagem antropocêntrica e construtivista da ciência; a existência dos jogos de poder e recursos econômicos como condição da institucionalização disciplinar; a importância da historicidade da área e sua formação epistemológica; além de uma fundamentação tão necessária quanto possível (ver inscrições 5, 6, 7, 8, e 9).

Assim sendo, a rede de enunciação que tenta estabilizar a natureza interdisciplinar da área se conecta a outros interesses um tanto contraditórios. Primeiro, a definição e fundamentação de objetos da área sob à luz da complexidade epistemológica produz cultos fetichistas – e até cientificista de uma Ciência (com “c” maiúsculo) da Informação (também com “i” maiúsculo via qualificação político-ideológica de uma Sociedade da Informação). Logo, reiteram-se discussões que extraíam sua retórica discursiva, visando “desmobilizar” – utilizando-se de um termo usado por Stengers (2002) – tanto esse

discurso epistemológico, que parece mais produzir uma Ciência sem Informação (SALDANHA, 2020), quanto a assimetria presente no qualitativo “complexo” objetivista, como tentou (“descomplicar”) Latour (2015).

Tem-se o problema da crítica antropocêntrica a partir da qual se tenta condicionar a ciência aos jogos de poder do homem e à sua vontade, tendo em vista a Ciência sob o véu da construtivista, no qual fosse o conhecimento científico uma fabricação inventada. Dessa forma, interessa trazer à tona a mediação técnica e o poder dos não-humanos, enquanto agência da própria natureza (LATOURE, 1994, 2012), de modo que as relações entre saberes, assim como a interdisciplinaridade, possam ir além de uma filosofia do sujeito (JANTSCH; BIANCHETTI, 2002).

Ademais, ainda sob o discurso crítico, produzem-se dicotomias ontológicas e assimétricas a partir da epistemologia estruturalista, bem como uma politização dos recursos institucionais das ciências, dessa vez rompendo-se, respectivamente, a singularidade entre disciplina x interdisciplina e política x epistemologia. De acordo com Latour (1994) e Stengers (2002), isso seria, respectivamente, um efeito de relações resultante do contrato modernista da Ciência com “c” maiúsculo e da invenção das ciências modernas.

De todo modo, isso rasga a coexistência da complexidade presente em qualquer tipo produção colaborativa. Pois, são relações entre saberes produzidas sob múltiplas redes heterogêneas entre pesquisadores, teorias, métodos, revistas, disciplinas, objetos, instituições, recursos financeiros, desejos, experiência, dentre outros. Isto é, são atores-redes constituídos de singularidade monadológica devidamente intermediada, que resulta em diferentes práticas dentro e fora das ciências.

Por fim, ainda nas sentenças negativas, há inscrições que dizem respeito, novamente, ao problema da historicidade da ciência da informação e suas relações, aparentemente, interdisciplinares. Nesse sentido, via epistemologia histórica visava-se demarcar princípios e pontos de justificação como uma “ciência da ciência”, vide historiadores da ciência, como Derek Solla Price. Ou seja, um conhecimento superior na sociedade progressista que buscava, contraditoriamente, conexões entre as diversas ciências. Contudo, Stengers (2002) questiona se seria possível compreender as diferenças da prática das ciências e suas condições de teorização sem ratificar sua hierarquização,

bem como conferir esse problema ao poder histórico de definição da ciência, enquanto modelo ontológico-evolucionista. Assim, interessa continuar problematizar questões em torno dessas condições que produzem relações interdisciplinares na ciência da informação, tendo em vista sua construção história cujos acontecimentos, ao mesmo tempo, formam poderes institucionalizados e relativiza a produção colaborativa e hierárquica das ciências com diversos os saberes.

Pode-se ressaltar, nesse contexto, algumas críticas ao processo de estabilização discursiva da interdisciplinaridade na ciência da informação e seu processo de naturalização. Há de se destacar Smith (1992), que, já no mesmo evento da enunciação, apontou uma série de questões problemáticas em torno desse discurso da interdisciplinaridade. Questionou os limites e contribuições de estudos empíricos, a aparente discrepância entre o que é dito e o que é feito nessa questão, como a falta de reciprocidade dos empréstimos de literaturas (importação e exportação), a base da conceituação interdisciplinar e, principalmente, que os pesquisadores do campo evitavam discutir tais problemas nesse tipo de debate (SMITH, 1992).

Ademais, autores como Gomes (2001), Saldanha (2020) e Souza (2011), guardadas suas devidas diferenças de abordagem, ressaltam questões como a aproximação com outras disciplinas, a importação teórico-conceitual ou metodológica, bem como a reprodução acrítica de representações discursiva a fim de justificar um status interdisciplinar simbolicamente construído e representado na literatura, que não caracterizaria, de fato, a interdisciplinaridade na ciência da informação. De outro modo, segundo Pombo (2010), a ciência da informação não seria uma disciplina nem uma interdisciplina, mas uma “disciplina indisciplinada”, ou seja, uma “nova cartografia dos saberes”. Pois, essa nova roupagem disciplinar precisa desvendar suas condições de produção aproximativa ou integrativa, seja de caráter multi ou interdisciplinar. E isso diz respeito à relação entre pessoas, pesquisadores, poder, conceitos, teorias, métodos, disciplinas, instituições, economia, mídia etc. no que tange à produção tecnocientífica sociedade afora.

Constata-se também inscrições que se opõem ou se desloca à/da tese de uma natureza interdisciplinar da ciência da informação, ao combinar outros interesses. Há inscrições que preferem objetar esse processo de naturalização, seja pontuando

paradoxos inter-disciplinares, a partir dos quais as ciências se constituiriam com base em concepções ontológica e filosófica, simultaneamente, tanto com uma natureza disciplinar quanto uma sociedade interdisciplinar, podendo reduzir-se à uma estrutura disciplinar ou abrir a perspectivas interdisciplinares. E, de outra forma, considerá-la como uma poli-epistemologia que implica no cruzamento de fronteiras epistêmicas (ver inscrições 10 e 11).

Então, por um lado, a partir de Latour (2012), há de considerar a existência e o desenvolvimento das condições de produção daquilo que se chamou de “estrutura social”, “Ciência”, “política” para fins de estudar os fenômenos sociais, ou seja, o Social para o social, ou mesmo o paradigma das ciências sociais. Em tradução, nesse sentido, o discurso que objeta uma natureza interdisciplinar teria que se interessar às descontinuidades do mundo social, os vínculos que conectam os atores humanos e não-humanos e, como bem afirma Latour (2012), toda configuração que atravessa as associações intrínsecas nesse mundo, resultante, por sua vez, de interesses, conflitos, discordâncias, poderes, singularidades etc. E, sendo assim, ampliar uma “maneira científica” de se acompanhar as ciências, tendo em vista proposições para além de “estruturas disciplinares, aparentemente, identitária e racionalista, ou “estruturas interdisciplinares”, supostamente, múltipla e relativista. Isto é, cabe-nos continuar trazendo para história e epistemologia da ciência da informação, em outro momento, uma política-epistemológica que se sustente na concorrência científica e na ecologia dos saberes (LATOUR, 2012).

4 CONSIDERAÇÕES E PERSPECTIVAS

Esse mapeamento acerca da assertiva que diz ser “ciência da informação, por natureza, interdisciplinar” (SARACEVIC, 1992) e seus contraditórios interesses, representados por Smith (1992) e outros interlocutores, configurou-se de forma um tanto controversa. Ao ser problematizado, permitiu descrever-se em uma série de inscrições enquanto controvérsias científicas. Primeiro, rastreou-se breves momentos históricos registrados na epistemologia da ciência da informação, registrado, aqui, como representação do processo de naturalização da interdisciplinaridade na área. Em

seguida, descreveram-se tais inscrições controversas, sentenciosamente, sejam negativas, positivas ou contra-argumentativa as quais permitiram traduzir e articular diferentes e contraditórios interesses via os Estudos da Ciência e a literatura comumente discutida na produção científica da área, enquanto evento e entidades inscritas no mundo.

As inscrições controversas⁶ formaram o campo agonístico de produção acerca da interdisciplinaridade e seu processo de naturalização. Foram as que afastam a enunciação em questão de suas condições de produção, as que, contraditoriamente, levam-na para esta direção, tornando esse arte-fato mais forte ou mais fraco, bem como aquelas que escapam dessa tese. Fazem, assim, parte de um jogo político-epistemológico, aqui traduzido, cujo efeito de relações produz uma série de argumentos, arranjos e articulações entre atores humanos e não-humanos, naturezas e culturas, epistemologias e políticas. No caso, citações, autores reconhecidos, conceitos, aspectos epistemológicos, críticas, opiniões, retórica, regionalidades, dentre outras.

Portanto, conforme indicado por Stengers (2002), cientistas precisam saber renunciar à definição dos enunciados de base, colocando-os à mercê de suas condições de observação e exame crítico, aceitando, nesse sentido, expor deliberadamente sua teoria à prova dos fatos discursivamente estabilizados. No caso, tratou-se, então, de uma tentativa de remontar a tese que enunciou a existência de uma “ciência interdisciplinar por natureza”. Isso não seria, genuinamente, negar à interdisciplinaridade, as relações de outros saberes e práticas com a ciência da informação, ou, mesmo, sua cientificidade. É “apenas” seguir os inter-esses (estar entre esses) dos próprios atores (pesquisadores, saberes, conceitos etc.), por vezes, controversos, seja concordando plenamente, negando veementemente, ou simplesmente, deslocando-se em objeção.

Nessa esteira, a ciência da informação parece reiterar mais que uma nova tópica do conhecimento em rede (DOMINGUES, 2005). Ainda que se agregando às noções de

⁶ A questão específica faz parte de um questionário amplo aplicado em uma pesquisa maior. Esse texto faz parte dos resultados da pesquisa de doutoramento intitulada “Cartografias de controvérsias científicas acerca da natureza interdisciplinar da ciência da informação: rastros e inscrições de cientistas da informação”, defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Gestão da Organização do Conhecimento (PPG-GOC), da Universidade Federal de Minas Gerais, sob orientação da Profa. Dra. Marlene Oliveira (coautora dessa comunicação).

rede, deveria tomar “seus” estudos científicos enquanto processos de tradução, articulação e proposição para fins de formar redes cosmopolitas. Estas, por sua vez, permitem, no caso, atravessar tanto a (desconhecida) identidade disciplinar quanto a (conhecida) consolidação epistemológica, como inscrito nos artigos seminais de Borko (1965, 1968), enquanto movimento de demarcação e purificação de uma ciência da informação, ou seja, um procedimento histórico de politização das ciências via epistemologia, diria Latour (2004).

Para tanto, ainda nem tanto focalizado, “seus” estudos (mais que informacionais) tecnocientíficos de natureza epistemológica que socializam, respectivamente, abordagens discursivas ou historiográfica (SALDANHA, 2020; SOUZA, 2011), ou até semiótico-material tentam, de algum modo, usurpar ou des-construir a busca identitária e/ou a pureza epistemológica de uma natureza bibliográfica, biblioteconômica, documentalista ou “tecnocientífica” – esta última os limites da representação se amarram numa camisa de força – para uma ou mais ciência(s) da informação. Eles mesmos poderiam, ademais, continuar discursar, contudo, trazer traduções que, sobretudo, possam articular e propor redes etnográficas e antropológicas que registram e inscrevem o conhecimento das ciências e outros saberes (LATOURE, 2012).

Além disso, suscitar pontos de “ironia e humor” (STENGERS, 2002) – evidenciados no título desse artigo, por exemplo – visando desmontar a invenção moderna de uma ciência especializada para a informação por meio de um discurso da interdisciplinaridade tão relativista, seja continuando rediscutir as evidências lógico-práticas da interdisciplinaridade, de forma menos discursiva e mais real acerca de se dizer que “não precisa procurá-la; ela está aí” (SOUZA, 2011; SARACEVIC, 1992), ou mesmo, mais histórica e menos historiográfica ao se dizer que “nunca fomos interdisciplinares” na crítica à “invenção neopositivista da natureza” (SALDANHA, 2020). Assim, estaria se considerando novos interesses e contradições à luz de outras inscrições “com” o que se chama, convencionalmente, ao menos no Brasil, “Ciência da Informação”. Podendo, nesse sentido, conectar os interesses contraditórios das e entre epistemologias da ciência da informação, como a demarcação popperiana dos problemas informacionais (SARACEVIC, 1992), uma epistemologia histórica

bachelardiana (PINHEIRO, 1997), uma epistemologia interdisciplinar discursiva (SOUZA, 2011) e a crítica historiográfica com vistas à “uma ciência sem informação” (SALDANHA, 2020), dentre tantos outros.

E, a partir disso, de fato, desmontar a politização da ciência da informação via epistemologia –cuja prática pretendeu-se não continuar aqui, ainda que se pondere os profundos limites –, visando devires ético-políticos passíveis de deslocar o domínio cognitivo e epistemológico desses questionamentos aqui expostos para fins de domínios sociais, éticos, políticos e até mesmo estéticos de uma trans-disciplinarização ou ecologia do saber presente no mundo, logo, mais democrática e trans-formadora (GUATTARI, 1992; LATOUR, 2004). De outro modo, substituir ou, simplesmente, definir, epistemologicamente, a representação de uma ou mais “ciência(s) da informação”, seja como disciplina, interdisciplina, transdisciplina ou outras capsulas representacionistas⁷, sob um prisma histórico-epistemológico, crítico-historiográfico ou discursivo, seria deixar de notar a dinâmica das relações de poder mais que simbólicas coexistentes, de fato, em redes de inscrição para além dos planos de fundo que registram conhecimentos cientificista ou não na Ciência (com “c” maiúsculo), na Informação em sua fetichização e outras capsulas. Todas elas convergem em um *vir-a-ser*, contínuo e múltiplo de redes sociotécnicas, de algum modo, experienciadas e inscritas nos eventos que registram e atravessam as caixas-pretas, os interesses e os próprios atores-redes constitutivos dos saberes, sejam nas ciências, na filosofia, na teologia, no senso comum ou outro qualquer. Nesse sentido, perspectivas apontam para continuar reunindo atores, redes e mônadas, como B. Latour, I. Stengers, G. Tarde, bibliografia, documentação, G. Naudé, J. Shera, P. Otlet, T. Saracevic, IBBB, IBCIT, ALA e todo o jogo que onde se encontram ontologias, histórias, epistemologias, políticas, naturezas, culturas e outras redes contraditórios ou não, mas, continuamente visando outros devires, controvérsias e acordos futuros, quiçá!

⁷ Agradecemos, aqui, na pessoa de Zayr (coautor da comunicação) as conversas obtidas com Gustavo Saldanha as quais, de algum modo, atravessam essas tais “capsulas representacionistas” e suas múltiplas diferenças.

REFERÊNCIAS

BORKO, Harold. The conceptual foundation of information systems. *In: The Foundations of Access to Knowledge*. Syracuse. **Proceedings** [...]. Syracuse: Syracuse University, 1965. p. 28-30.

BORKO, Harold. Information Science: what is it? **American Documentation**, p. 3-5, jan. 1968. Disponível em:
<https://www.marilia.unesp.br/Home/Instituicao/Docentes/EdbertoFerneda/k---artigo-01.pdf>. Acesso em: 16 jun. 2022.

DOMINGUES, Ivan. (org.). **Conhecimento e transdisciplinaridade**: aspectos metodológicos. Belo Horizonte: Ed. UFMG/IEAT, 2005, v. 2.

GOMES, Henriette Ferreira. Interdisciplinaridade e Ciência da Informação: de característica a critério delineador de seu núcleo principal. **DataGramaZero: Revista de Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 4, p. 1-8, 2001. Disponível em:
<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/5176>. Acesso em: 16 jun. 2022.

GUATTARI, Félix. Fundamentos ético-políticos da interdisciplinaridade. **Tempo Brasileiro**, n. 108, p. 19-26, 1992. Disponível em:
<http://www.caosmose.net/candido/unisinos/textos/textos/guattari.pdf>. Acesso em: 16 jun. 2022.

JANTSCH, Ari Paulo; BIANCHETTI, Lucídio. (orgs.). **Interdisciplinaridade**: para além da filosofia do sujeito. 6. ed. Pretrópolis, RJ: Vozes, 2002.

LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos**: ensaio de antropologia simétrica. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.

LATOUR, Bruno. **Ciência em ação**: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora. São Paulo: ENESP, 2000.

LATOUR, Bruno. **A esperança de Pandora**: ensaio sobre a realidade dos estudos científicos. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

LATOUR, Bruno. **Políticas da natureza**: como fazer ciência na democracia. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

LATOUR, Bruno. **Reagregando o social**: uma introdução à Teoria do Ator-Rede. Salvador; São Paulo: EdUFBA; EDUSC, 2012.

LATOUR, Bruno. Uma sociologia sem objeto? Observações sobre a interobjetividade. *Revista Valise*, Porto Alegre, v. 5, n. 10, dez. 2015. Disponível em:
<http://seer.ufrgs.br/index.php/RevistaValise/article/viewFile/61073/35940>. Acesso em: 16 jun. 2022.

LATOURE, Bruno. Por que a crítica perdeu a força? De questões de fato a questões de interesse. **O que nos faz pensar**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 46, p. 173-204, jan./jun. 2020. Disponível em: <http://oquenofazpensar.fil.puc-rio.br/index.php/oqnf/article/view/748/641>. Acesso em: 16 jun. 2022.

LATOURE, Bruno; WOOLGAR, Steve. **A vida de laboratório**: a produção dos fatos científicos. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1997

MOSTAFA, Solange Puntel. Ciência da Informação: uma ciência, uma revista. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 25, n. 3, 1996. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/627>. Acesso em: 16 jun. 2022.

OLIVEIRA, Marlene. **A investigação científica na ciência da informação**: análise da pesquisa financiada pelo CNPq. 1998. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade de Brasília, Brasília, 1998.

PINHEIRO, Lena Vânia Ribeiro. **A Ciência da Informação entre sombra e luz**: domínio epistemológico e campo interdisciplinar. 260f. 1997. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1997. Disponível em: <https://ridi.ibict.br/handle/123456789/35>. Acesso em: 16 jun. 2022.

POMBO, Olga. Dispersão e unidade: para uma poética da simpatia. *In*: LARA, Marilda Lopes Ginez de; SMIT, Johanna Wilhelmina. (orgs.). **Temas de pesquisa em Ciência da Informação no Brasil**. São Paulo: Escola de Comunicações e Artes/USP, 2010. p. 31-46.

SALDANHA, Gustavo. **Ciência da informação**: crítica epistemológica e historiográfica. Rio de Janeiro: IBICT, 2020.

SARACEVIC, Tefko. Information Science: origin, Evolution and relations. *In*: VAKKARI, Pertti; CRONIN, Blaise. (orgs.). *Conceptions of library and information Science: historical, empirical and theoretical perspectives*. Tampere. **Proceedings** [...]. Tampere: Taylor Graham, 1992. p. 5.27.

SMITH, Linda C. Interdisciplinarity: approaches to understanding library and information Science as na interdisciplinar field. *In*: VAKKARI, Pertti; CRONIN, Blaise. (orgs.). *Conceptions of library and information Science: historical, empirical and theoretical perspectives*. Tampere. **Proceedings** [...]. Tampere: Taylor Graham, 1992. p. 253.267.

SOUZA, Edivânio Duarte de. A epistemologia interdisciplinar na Ciência da Informação: dos indícios aos efeitos de sentido na consolidação do campo disciplinar. 2011. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

STENGERS, Isabelle. **A invenção das ciências modernas**. São Paulo: Ed. 34, 2022.

VAKKARI, Pertti; CRONIN, Blaise. (orgs.). Conceptions of library and information Science: historical, empirical and theoretical perspectives. Tampere. **Proceedings** [...]. Tampere: Taylor Graham, 1992.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à CAPES pelo financiamento da pesquisa, que deu origem a esse texto, bem como aos pesquisadores Edivânio Souza, Gustavo Saldanha, Jonathas Carvalho e Ronaldo Araújo por contribuírem na defesa e, conseqüentemente, com o texto final resultante da tese de doutorado.

Apêndice A - Controvérsias científicas acerca da natureza interdisciplinar da ciência da informação

Inscrição	PVs	MODALIDADES ENUNCIATIVAS
Positiva		
1	PV3	“Concordo plenamente (como referências: Wersig, 1993 e Saracevic, 1996).”
2	PV7	“É, em essência, o campo da prática de interdisciplinaridade, exigindo em geral, participação de atores distintos, irmanados por uma causa única.”
3	PV10	“O surgimento da área já apontava para isso. Na medida em que, àquela altura, o objetivo era viabilizar projetos complexos, diversas áreas do conhecimento precisaram ser mobilizadas. Assim, vejo como frutífera a interação entre diferentes saberes no intuito de compreender o fenômeno informacional”
4	PV11	“Toda a ciência é, por fundamento, interdisciplinar. Assim, a Ciência da Informação também o é. Na medida em que é um segmento do conhecimento humano recente, pode parecer que ela, Ciência da Informação, depende mais dos fundamentos teóricos já existentes do que os outros segmentos. Ela é tão dependente desses fundamentos teóricos como todas as outras.”
Negativa		
5	PV2	“Não entendo que a CI tenha uma natureza interdisciplinar. Na minha compreensão a CI tem dois importantes objetos de estudo: a Informação e o Documento, sendo que o primeiro tem uma natureza complexa que a impulsiona ao diálogo interdisciplinar, o que não implica diretamente em uma compreensão da CI como uma ciência de “natureza” interdisciplinar.”
6	PV5	“Acho essa frase inadequada, pois se a ciência (e a ciência da informação) é uma construção humana, então ela não tem nada de ‘natural’. Creio que essa palavra acaba sendo usada de uma maneira ideológica para se defender uma questão e eliminar tentativas de contestação da ideia.”
7	PV6	“É uma disciplina. Dizer que a ciência da informação é interdisciplinar é negar que é uma disciplina e é simplesmente incorreta. Poder, influência e recursos, especialmente nas universidades, estão associados a disciplinas - e quanto mais longa e mais fortemente estabelecida uma disciplina, mais poder, influência e recursos é provável que ela tenha. Portanto, nessa situação, declarar ou implicar que a ciência da informação é interdisciplinar é negar que alguém seja uma disciplina e indicar que o que faz não tem substância. Isso é politicamente tolo e economicamente perigoso.”
8	PV8	“Suas origens são interdisciplinares, mas, à medida que a ciência da informação se desenvolveu, assumiu as características de uma metaciência, conforme explicado por Marcia Bates.”
9	PV9	“Acredito que a CI não é por natureza interdisciplinar, pois enquanto disciplina ela pode ou não se aproximar de outras disciplinas ou áreas, em projetos comuns e estabelecendo relações interdisciplinares [...]”.
Contra argumentativa		
10	PV1	“Seguindo o que eu já disse, a Ciência da Informação, como qualquer outra ciência, é "por natureza" disciplinar e interdisciplinar. Ela pode se desenvolver com uma estrutura reducionista específica e pode se abrir para outras perspectivas.”
11	PV4	“Bom, na verdade, penso mais bem que é poli-epistemológica, porque além de implicar diferentes "cruzamentos de fronteiras" epistêmicas, que podemos denominar de interdisciplinaridade (nesse entendimento ponderado em que falo de interdisciplinaridade como ‘cruzamento de fronteiras’).”

Fonte: dados da pesquisa (2021).